



Mediação sociocultural no ensino de literatura: uma proposta de transcodificação poética¹

Sociocultural mediation in literature teaching: a proposal for poetic transcoding

Wellington Neves Vieira²

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta de mediação sociocultural para o ensino de literatura no ensino médio de escolas públicas em contexto rural. A pesquisa justifica-se pela necessidade de metodologias que reconheçam os repertórios culturais de estudantes oriundos de comunidades rurais como recursos interpretativos legítimos. O objetivo geral foi propor e aplicar uma metodologia de mediação sociocultural para o ensino de literatura no ensino médio, voltada para a formação do leitor crítico em contexto rural. O alcance dessa meta se fundamenta na articulação entre a teoria da semiosfera de Iuri Lotman (1978; 1996), o processo de codificação/decodificação de Stuart Hall (2023) e o paradigma social-identitário de Rildo Cosson (2020) e o modelo cultural de leitura de Carlos Magno Gomes (2011; 2014). A intervenção foi aplicada em três turmas de terceira série do ensino médio de uma escola estadual do município de Água Branca-AL, tendo como corpus poemas de Cora Coralina, Ferreira Gullar, Jorge de Lima e Conceição Evaristo. Os resultados evidenciaram que a mediação sociocultural favoreceu a transcodificação dos sentidos textuais, promovendo posições de leitura hegemônica, negociada e de oposição, além do reconhecimento das heranças culturais e identitárias dos estudantes. Conclui-se que a abordagem sociocultural constitui um dispositivo pedagógico eficaz para a formação de leitores críticos em contextos rurais, com potencial de adaptação a outros contextos educacionais, como escolas quilombolas e indígenas.

Palavras-chave: Mediação sociocultural. Ensino de literatura. Transcodificação. Semiosfera. Leitura crítica.

Abstract: This article examines a sociocultural mediation approach to literature teaching in rural public high schools in Brazil. The study addresses the need for pedagogical methodologies capable of recognizing and mobilizing the cultural repertoires of rural students as legitimate interpretive resources. Drawing on Iuri Lotman's semiosphere theory (1978; 1996), Stuart Hall's encoding/decoding framework (2023), Rildo Cosson's social-identity paradigm (2020), and Carlos Magno Gomes's cultural reading model (2011), the research proposed and implemented a mediation methodol-

1. A investigação é um recorte da tese de doutorado intitulada: "A transcodificação no Ensino de Literatura: uma abordagem sociocultural", que teve como coorientador o prof. Dr. Carlos Magno Gomes.

2. Doutor em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Professor da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas-SEDUC/AL. Desenvolve pesquisa sobre Ensino de Literatura e Formação docente numa perspectiva Crítica Cultural. wellington.nevieira@gmail.com. [ORCID](#)

Submissão: 29 mar. 2026 ↔ Aceite: 24 abr. 2026

ogy structured in three progressive stages: semiospheric field mapping, critical literary reading, and poetic meaning transcodification. The intervention was carried out with three third-year high school classes at a state school in Água Branca, Alagoas, Brazil, using poems by Cora Coralina, Ferreira Gullar, Jorge de Lima, and Conceição Evaristo as the analytical corpus. Findings indicate that sociocultural mediation effectively promoted hegemonic, negotiated, and oppositional reading positions, fostering students' recognition of their cultural and identity heritages through transcodification. The study concludes that this approach represents an effective pedagogical framework for developing critical readers in rural educational settings, with promising potential for adaptation to quilombola and indigenous school contexts.

Keywords: Sociocultural mediation. Literature teaching. Transcodification. Semiosphere. Critical reading.

Introdução

O ensino de literatura em escolas públicas de comunidades rurais exige metodologias capazes de reconhecer e mobilizar os repertórios culturais dos estudantes como recursos interpretativos legítimos. Juliana Andrade (2009, p. 90) em sua pesquisa intitulada: *O letramento literário em uma comunidade rural do Pontal do Paranapanema* constata que as práticas de leitura nesses contextos tendem a se configurar como um “letramento autônomo”, no qual “os sentidos construídos pelos estudantes ocorrem a partir dos resumos que o livro e professores os explicam” desconsiderando as experiências vividas pelos próprios leitores.

É nesse cenário que se situa esta pesquisa, desenvolvida em uma escola estadual do município de Água Branca-AL, com estudantes oriundos de comunidades rurais do alto sertão alagoano, cuja experiência de sala de aula revelou a necessidade de uma abordagem que articulasse a leitura literária às particularidades socioculturais desses sujeitos.

A questão central que orientou a investigação é: como desenvolver uma abordagem de leitura literária que articule análise textual, contexto sociocultural e formação crítica do leitor? problema dialoga com a advertência de Cosson (2022, p. 20) de que “o texto não é só contexto” tensão que esta proposta busca enfrentar de forma metodologicamente fundamentada. A hipótese sustentada é a de que as práticas de leitura literária são mais eficazes quando mobilizam, em primeiro plano, as experiências vividas pelos próprios leitores, de modo que a mediação sociocultural, ao integrar a semiosfera do texto com a semiosfera do leitor seria capaz de promover a transcodificação dos sentidos poéticos, favorecendo uma leitura crítica, ética e politicamente situada.

O objetivo geral é construir um referencial teórico-metodológico capaz de integrar análise literária e formação crítica, contribuindo para o desenvolvimento de leitores capazes de interpretar e participar politicamente nos processos sim-

bólicos da cultura. Para alcançar essa meta, a pesquisa se apoia em três pilares teóricos: a teoria da semiosfera de Lotman (1978; 1996), que oferece o conceito de transcodificação como processo de expansão dos sentidos textuais a partir dos repertórios culturais do leitor; o processo de codificação/decodificação de Hall (2023), que identifica as posições de leitura hegemônica, negociada e de oposição assumidas pelos sujeitos diante de uma mensagem; e o paradigma social-identitário de Cosson (2020) articulado ao modelo cultural de leitura de Gomes (2011, p. 9), para quem “o leitor cultural leva em conta o contexto de produção literário e de sua recepção atual”.

A relevância da pesquisa se justifica no plano teórico, pela articulação original entre a Semiótica da Cultura de Lotman e os Estudos Culturais de Hall na perspectiva da mediação pedagógica; no plano metodológico, por avançar em relação às abordagens de Gomes (2014) ao inserir as contribuições da própria comunidade interpretativa rural na elaboração dos sentidos do texto; e no plano normativo, por responder às orientações da BNCC (2018) e do ReCAL (2021), que preconizam que os leitores possam “reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que toda obra expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo” (BNCC, 2018, p. 523).

O corpus – *O Cântico da Terra*, de Cora Coralina; *Meu Povo, Meu Poema*, de Ferreira Gullar; *Mulher Proletária e Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima; e *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo, foi selecionado por tratar de pertencimento identitário, lutas femininas e politizações étnico-raciais, temas que favorecem o diálogo entre a semiosfera textual e a semiosfera do leitor rural. Os dados foram coletados por meio de gravações em áudio, fotografias, diário de pesquisa, diário literário e plataforma Padlet.

Os resultados evidenciaram que a mediação sociocultural favoreceu posições de leitura hegemônica, negociada e de oposição, promovendo o reconhecimento das heranças culturais e identitárias dos estudantes e resultando em produções escritas e audiovisuais, entre elas, vídeo-poemas, que evidenciaram o protagonismo do leitor/cidadão. Por essa perspectiva, exploramos o texto literário tanto como objeto “estético-artístico” como produção “estético-cultural”, “marcada pelas diferenças ideológicas”, duplamente expostas na partitura textual e no processo de recepção crítica” (Gomes, 2012, p. 168).

Esses achados confirmam a hipótese inicial e reforçam a tese de que a leitura poética mediada pelas relações socioculturais dos estudantes promove reflexão crítica sobre identidade, resistência e direitos humanos. Este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos a fundamentação teórica; na segunda, detalhamos a proposta de mediação e o contexto da escola investigada; na terceira, analisamos os resultados; e, nas considerações finais, discutimos as contribuições e implicações da pesquisa para outros contextos educacionais.

As contribuições de Lotman e Hall para o processo de transcodificação do texto literário

Neste tópico, articulamos duas perspectivas teóricas fundamentais para a compreensão da transcodificação do texto literário: o universo semiosférico proposto por Iuri Lotman e o sistema de codificação e decodificação de Stuart Hall. Embora oriundas de tradições distintas, ambas convergem para iluminar como os sentidos de um texto são construídos, negociados e transformados na relação entre o texto e o leitor.

O campo da Semiótica da Cultura foi desenvolvido pelos pesquisadores da Escola de Tártu-Moscou, a partir da década de 1960, tendo em Iuri Lotman seu principal expoente. Em *A Semiosfera* (1996), Lotman explica como os códigos culturais se estruturam na vida social do sujeito, ressaltando a importância da transcodificação como uma leitura estratificada pelas experiências do leitor. Complementarmente, em *A Estrutura do Texto Artístico* (1978), o autor defende que os textos adquirem sentidos processados nas consciências culturais dos sujeitos. É a partir dessa dupla dimensão estrutural e experiencial, que o conceito de semiosfera se torna operacional para o ensino de literatura.

O conceito de semiosfera estabelece uma analogia com a biosfera: assim como esta engloba as diferentes formas de vida no contexto planetário, a semiosfera abrange as relações sociais das culturas no continuum de significação. Dessa analogia, derivam dois princípios centrais para nossa abordagem. Primeiro, dentro da semiosfera, a cultura se apresenta como um texto em que ocorrem relações comunicativas que geram novas informações, “textos dentro de textos”, mediante uma variedade de sistemas de signos em diferentes níveis de organização. Segundo, a organização interna da semiosfera é “heterogênea por natureza”, incluindo mecanismos de hierarquização de sentidos, memória cultural, limitações, fronteira e tradução cultural (Lotman, 1996, p. 11-27).

Desses dois princípios, depreendemos três instâncias que estruturam nossa compreensão da semiosfera. Na primeira, a semiosfera é o espaço da vida onde ocorrem experiências e relações sociais cujas significações são processadas e transferidas de modo variável. Na segunda, a cultura, como texto “dentro de outros textos”, reflete a polissemia de interpretações que se fundem numa transmutação de sentidos. Na terceira, seu caráter heterogêneo possibilita compreender como ocorrem dialogicamente as relações da pluriculturalidade na construção de novas significações culturais. Como sintetiza Lotman (1996, p. 259): “A cultura organiza a si mesma em forma de um determinado, espaço-tempo, e não pode existir fora dessa organização. Essa organização é realizada como semiosfera”.

Essa organização, contudo, não é monolítica: Irene Machado (2007, p. 16) adverte que a semiosfera nomeia “a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas”, impulsionados por atritos e confrontos que definem o próprio caráter da

cultura (Machado, 2013, p. 138), Lícia Souza (2020) afirma que esse processo revela um universo composto por subsemiosferas: políticas, religiosas, multiculturais e estéticas, nas quais “se entrecruzam correntes de pensamentos, núcleos ideológicos e posicionamentos” (Souza, 2020, p. 63).

Compreendido o universo semiosférico em sua amplitude, importa delimitar, para os fins desta pesquisa, duas semiosferas centrais ao processo de mediação literária: a semiosfera do texto e a semiosfera do leitor. Essa delimitação é respaldada por Machado (2013, p. 143), ao destacar que “para Lotman isso significa que todo texto deve estar codificado, no mínimo, duas vezes: pelo código que apreende a informação e a transforma num conjunto organizado de signos e pelo contexto sistêmico da cultura historicamente constituído”.

A semiosfera textual é guiada pela identificação do autor, sua localização histórica e temporal. Como afirma Lotman (1978, p. 50): “A escolha pelo escritor de um gênero, de um estilo ou de uma tendência artística determinados é também a escolha da linguagem na qual ele pensa falar ao leitor.” O campo semiosférico da obra constitui, assim, uma microsemiosfera do autor, onde “textos dentro de textos” conversam internamente de forma polissêmica, favorecendo uma combinação de sentidos que reflete tanto dentro como fora do texto.

Cada texto se conecta, portanto, dentro de uma rede semiosférica maior que contribui para a constante atualização dos significados culturais, pois a interpretação de uma obra, segundo Lotman (1978, p. 29), está “ligada à organização interna do texto artístico e ao seu funcionamento social”. Nesse sentido, a semiosfera textual organiza os sentidos a partir do autor, é na semiosfera do leitor que esses sentidos são ativados, negociados e transformados. As experiências do leitor são fundamentais para a interpretação das pistas textuais e para que se alcance a transcodificação dos significados no processo de mediação sociocultural.

A semiosfera do leitor, segundo Souza (2020, p. 64), permite “identificar campos semiosféricos que vão tornar possíveis o dinamismo dos mundos da vida”, promovendo novas formas de compreensão e ressignificação da territorialidade do sujeito. Essa perspectiva se justifica na afirmação de Lotman (1978, p. 30) de que “o mundo que rodeia o homem fala linguagens múltiplas e que o apanágio da sabedoria está em aprender a compreendê-las”.

A relação entre essas duas semiosferas, do texto e do leitor, é mediada pelo conceito de fronteira, categoria fundamental na teoria de Lotman (1996, p. 13): “A fronteira é um mecanismo bilíngue que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera e vice-versa” É justamente nessa fronteira que o leitor pode explorar as diferentes semiosferas sociais que o texto carrega, transcodificando os sentidos textuais a partir de suas experiências. Como esclarece Souza (2020, p. 58), os pontos fronteiros de uma semiosfera “devem ter a capacidade de

traduzir os sinais externos para os códigos aceitos por essa semiosfera da qual elas estão se aproximando”, garantindo que a fronteira funcione como local tanto de união quanto de separação entre duas semiosferas.

Esse atravessamento da fronteira entre o texto e a cultura é sustentado pelos elementos extratextuais, visto que “qualquer texto está inserido numa estrutura extratextual, cujo nível mais abstrato pode ser definido como tipo de visão do mundo, imagem do mundo ou modelo de cultura” (Lotman, 1978, p. 427).

Torna-se, portanto, fundamental que o leitor, no processo de mediação sociocultural, identifique a posição ideológica defendida no texto, uma vez que está em jogo uma “visão de mundo”. É precisamente nesse ponto que a contribuição de Stuart Hall se articula à de Lotman: se este nos fornece as ferramentas para compreender como os sentidos são organizados e codificados nas semiosferas culturais, Hall nos oferece os dispositivos para compreender como os leitores se posicionam diante dessas mensagens de forma hegemônica, negociada ou de oposição, completando, assim, o quadro teórico da transcodificação sociocultural que orienta esta pesquisa.

A decodificação sociocultural

Embora não haja evidências concretas na literatura científica de que Stuart Hall tenha lido Iuri Lotman, os dois autores dialogam de maneira notavelmente convergente. Em “A Centralidade da Cultura”, Hall (1997) articula uma perspectiva que se alinha à teoria semiótica ao tratar o processo de significação cultural como objeto essencial para a análise das práticas sociais:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (Hall, 1997, p. 1).

Essa compreensão de Hall converge diretamente com os preceitos da semiótica de Lotman: se toda ação social possui natureza cultural e toda prática social produz significação, então estamos diante de um campo semiosférico em permanente movimento. É nesse campo que comunidades interpretativas projetam diferentes perspectivas ideológicas, conforme Hall desenvolve em *Encoding/*

Decoding (1980), traduzido para o português como “Codificação/Decodificação”. Nesse texto, Hall identifica três posições sociais de leitura que o sujeito assume ao codificar e decodificar uma mensagem dentro de sua comunidade interpretativa.

Na leitura dominante, preferencial ou hegemônica, o leitor adere integralmente ao código do texto, aceita e reproduz a leitura preferida, que pode não ter sido deliberadamente planejada pelo autor, percebendo esse código como “natural” e “transparente”. Na leitura negociada, o leitor concorda parcialmente com o código do texto e, embora aceite em grande parte a leitura preferida, resiste a ela em alguns pontos, modificando-a para que reflita sua própria perspectiva, experiências e interesses. Na leitura de oposição, o leitor discorda completamente do código do texto e o relê no contrapelo, rejeitando o código dominante e adotando uma perspectiva alternativa a partir de sua posição social.

Essas três posições não são neutras. Hall as situa explicitamente no contexto de um debate sobre o marxismo, revelando que seu modelo tem raízes nas ideias de Marx sobre poder e ideologia. Como o próprio Hall esclarece, o texto “se situa no contexto de um debate sobre o próprio marxismo [...] a partir da noção de circuitos de produção. Produção, consumo, realização, reprodução” (Hall, 2023, p. 327). Nessa vertente central, a leitura hegemônica corrobora a noção marxista de que as ideias dominantes são produto das relações de poder, perpetuando a hegemonia ao serem naturalizadas para o leitor.

Como afirmam Marx e Engels (2007, p. 48-49), toda classe dominante é obrigada a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos, dando às suas ideias “a forma da universalidade” e apresentando-as “como as únicas racionais, universalmente válidas”. A adesão ao código dominante, portanto, contribui para a internalização dessas ideias estruturalmente direcionada para manter o controle social por meio de representações que aparentam ser neutras e generalistas, mas são, na verdade, expressão de uma dominação ideológica.

Compreendido o fundamento ideológico das posições de leitura, importa examinar o mecanismo pelo qual essas posições operam. Para Hall, a primeira tomada de posição no paradigma da codificação/decodificação é a de “interromper esse tipo de noção transparente de comunicação [...] A cadeia comunicativa não opera de forma linear” (Hall, 2023, p. 326). Há, portanto, intencionalidade na produção da mensagem, e o jogo comunicativo é multilinear: uma determinada mensagem não é interpretada de modo passivo, mas entra numa negociação na recepção, resultando numa interação dinâmica entre codificação e decodificação.

A segunda tomada de posição refere-se à ideia de que “o significado não é fixo, de que não existe uma lógica determinante global que nos permita decifrar o significado ou o sentido ideológico da mensagem” (Hall, 2023, p. 326). Não há, portanto, neutralidade nem sentidos universais metafísicos: a decodificação “não é ho-

mogênea, de que se pode ler de formas diferentes” (Hall, 2023, p. 329), sendo sempre operacionalizada dentro de um determinado universo cultural de significados.

É precisamente nesse ponto que Lotman aprofunda e amplia a discussão. Ao introduzir o conceito de transcodificação, Lotman distingue dois níveis de operação. A transcodificação interna refere-se aos “possíveis sistemas semióticos, nos quais se elabora a significação [...] de modo imanente, no interior do sistema” (Lotman, 1978, p. 79), ou seja, à própria codificação do texto, que Lotman identifica como correspondente à codificação descrita por Hall.

Um exemplo elucidativo é o poema *Morte e Vida Severina*³, de João Cabral de Melo Neto, cuja estrutura semiótica reorganiza códigos culturais preexistentes, elementos do catolicismo, das ladainhas e da fala oral do retirante para construir uma crítica social. A recorrência de “Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida” sintetiza essa codificação interna, correspondente, como aponta Hall, ao momento em que valores e visões de mundo são incorporados ao texto antes mesmo de sua leitura.

A transcodificação externa, por sua vez, é “a revelação demonstrativa da possibilidade de comutação de um sistema (de ideias ou de estilo) em outro” (Lotman, 1978, p. 83). Nesse nível, incumbe ao leitor “escolher, entre a linguagem artística de que dispõe, aquela na qual está codificado o texto ou uma parte do texto” (Lotman, 1978, p. 61), exercendo um papel interpretativo ativo e contextualizado. A codificação, assim, auxilia no mecanismo da decodificação, fase central da leitura. Hall (2023, p. 336) reforça essa interdependência ao afirmar que “as decodificações que você faz se dão dentro do universo da codificação. Um tenta englobar o outro”.

De modo análogo, Lotman (1978, p. 60) observa que, “na transcodificação, o receptor do texto não só deve decifrar a comunicação com a ajuda de um determinado código, mas também estabelecer em que linguagem o texto foi codificado”. Ambos os autores convergem, portanto, para a compreensão de que a leitura depende tanto do contexto de produção quanto da prática de recepção inserida na semiosfera cultural.

Esse processo não tem fim. Hall, ao tratar da leitura negociada, refere-se ao “processo contínuo de significação do mundo cultural e ideológico, que está sempre significando e ressignificando – esse é o processo sem fim” (Hall, 2023, p. 333). A semiosfera cultural, conforme descrita por Lotman, representa exatamente esse espaço onde significados se articulam e transcendem os limites de cada sistema específico, permitindo que ideias e estilos dialoguem e se ressignifiquem continuamente.

3. *Morte e Vida Severina* foi publicado em (1955), é um auto de Natal em forma de poema dramático, que narra a trajetória de um retirante nordestino em busca de uma vida menos dura. A obra denuncia a morte social dos pobres do sertão – vítimas da fome, da violência e da desigualdade – e contrapõe a persistência da vida como gesto de resistência. Escrita em versos ritmados e de forte oralidade, é considerada um marco da literatura social brasileira. Nesta tese utilizamos a publicação de *Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta*. Rio de Janeiro: José Olympio. (1974, p. 73-79).

Como afirma Lotman (1978, p. 93), “a significação se elabora como resultado da transcodificação mútua de numerosos sistemas-cadeias, permitindo, numa maior medida, sair, em geral, dos limites de cada sistema concreto”, processo acesado quando o leitor entrelaça os sentidos do texto com seus conhecimentos sociais para propor interpretações críticas. Essa compreensão encontra ressonância no campo do ensino de literatura brasileira, onde pesquisadores têm buscado sistematizar abordagens pedagógicas capazes de mobilizar o repertório sociocultural do leitor como recurso interpretativo.

O debate sobre os paradigmas de ensino de literatura no Brasil tem sido sistematizado por Rildo Cosson (2020), que organiza as abordagens em dois blocos. O primeiro reúne os paradigmas tradicionais, o moral-gramatical, centrado na correção linguística e na formação moral, e o histórico-nacional, voltado para a construção de um senso de brasilidade a partir do cânone literário (Cosson, 2020, p. 24, 46). O segundo bloco agrupa os paradigmas contemporâneos: o analítico-textual, que desenvolve “a consciência estética do leitor” (p. 77); a formação do leitor, orientada para “o gosto e o hábito de leitura” (p. 134); e o letramento literário, que enfatiza “a apropriação da linguagem literária” como prática social (p. 179).

Entre os paradigmas contemporâneos, o social-identitário ocupa posição central nesta pesquisa. Para Cosson (2020, p. 105), essa abordagem “propõe a leitura como prática social-identitária, capaz de desenvolver consciência crítica e posicionamento ético-político”, articulando-se em três movimentos: a politização da consciência crítica do estudante a partir de sua identificação com a “visão de mundo” do texto; a valorização da alteridade e da diversidade cultural pelo reconhecimento do outro; e a produção de uma leitura de revisão do texto lido, resultante da fusão dessas visões de mundo.

Em diálogo com esse paradigma, Carlos Magno Gomes (2011, p. 9) propõe o modelo cultural de leitura como alternativa para questionar os modelos hegemônicos de leitura escolarizada, defendendo a formação do leitor cultural “como um espaço de produção de significados politizados” que “leva em conta o contexto de produção literário e de sua recepção atual”. Christina Ramalho (2014, p. 10) reforça essa dimensão ao observar que, na abordagem de Gomes, “o/a leitor/a deve ter competência para contrastar as diferentes identidades da pós-modernidade de acordo com seu horizonte de expectativas cultural”.

Esse conjunto de perspectivas defendidos pelos pesquisadores brasileiros reforça as abordagens de Hall e Lotman convergindo para uma prática de leitura sociocultural na qual os significados culturais são codificados, decodificados e transcodificados na interação entre texto e leitor. Se Hall destaca a recepção como uma leitura negociada vinculada a um quadro ideológico e ao contexto social, Lotman amplia essa perspectiva ao introduzir a transcodificação como o processo

pelo qual os códigos culturais atravessam as fronteiras do texto e reverberam nas experiências individuais e coletivas do leitor. Ambos apontam para a ideia de que a leitura sociocultural é uma prática ativa, heterogênea e socialmente situada, primordial para a formação do leitor crítico numa sociedade em constante transformação como a brasileira.

Essa convergência encontra ancoragem pedagógica no paradigma social-identitário de Cosson e no modelo cultural de Gomes, que situam a leitura como espaço de produção de significados politizados e de reconhecimento das identidades culturais do leitor. As leituras, como esclarece Hall (2023, p. 348), “surtem da família em que você foi criado, dos lugares que trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas” e é dentro desse universo semiosférico que se dinamiza a leitura transcodificada, pois “o processo do conhecimento da leitura ocorre assim: recepção da mensagem; escolha (ou elaboração do código); confronto do texto ou do código” (Lotman, 1978, p. 114). A transcodificação é, portanto, sempre construída a partir da comunidade interpretativa do leitor.

É nesse quadro teórico articulado entre: Lotman, Hall, Cosson e Gomes, que se insere nossa proposta. Ao integrar a transcodificação semiosférica de Lotman às posições de leitura de Hall e ao paradigma social-identitário de Cosson e a leitura cultural de Gomes, avançamos em direção ao conceito de leitor sociocultural: sujeito que conecta os sentidos estéticos da poética às suas heranças culturais e aos elementos sociais de organização do poder, transcodificando e renovando os significados de seu universo semiosférico. É com base nesse conjunto articulado de referenciais que estruturamos, na seção seguinte, as etapas do desdobramento didático-pedagógico da mediação sociocultural.

Proposta de mediação sociocultural

A proposta de mediação sociocultural foi desenvolvida a partir da seleção do gênero lírico como objeto de leitura, por sua capacidade de condensar tensões estéticas, culturais e políticas em formas poéticas acessíveis ao público-alvo, estudantes oriundos de comunidades rurais do ensino médio. Ancorada na codificação/decodificação de Hall e na teoria da semiosfera de Lotman, a mediação organiza-se em três etapas progressivas e interdependentes.

A primeira etapa consiste no mapeamento do campo semiosférico. A mediação tem início com a apresentação coletiva do poema, a partir da qual o mediador articula três campos semiosféricos: a) o do texto, composto pelos elementos formais da obra, como verso, estrofe, rimas, métricas e função da linguagem estética; b) o do rural na cultura brasileira, que aproxima o poema ao seu contexto histórico, social e cultural, propiciando um intertexto cultural que contempla

saberes, tradições, lutas e identidades rurais; c) e o da experiência identitária do leitor, momento de ativação das vivências e memórias culturais dos estudantes, convidados a compartilhar suas heranças culturais em diálogo com a temática do poema. O entrelaçamento desses três campos serve de ponte para a etapa seguinte.

A segunda etapa é a leitura crítica do texto literário. Nela, o debate se volta para as posições estéticas e culturais do eu lírico diante da sociedade: a posição do poema é hegemônica, negociada ou de oposição? A mediação guia o leitor para identificar tensões conceituais, usos irônicos, subversões de expectativas, relações de poder, identidade, classe e gênero, e analisar a visão de mundo que o texto projeta, orientando os estudantes na produção de novas interpretações.

A terceira etapa é a transcodificação do texto literário. Conforme Hall (2023), a leitura é o lugar de disputa de poder simbólico: ao decodificarem o texto, os leitores realizam “rasuras”, ressignificando os sentidos hegemônicos e abrindo espaço para interpretações alternativas. É desse movimento que emerge a transcodificação, processo multilinear orientado por quatro questões centrais: a) quais identidades e valores sociais estão presentes no poema?; b) como o leitor se identifica com ele?; c) qual perspectiva o leitor destaca após o cruzamento de diferentes posições de leitura?; d) como a escrita poética pode ser ressignificada a partir do campo semiosférico do leitor/cidadão? As respostas resultam em novas produções de significado, reflexões no diário literário, paródias e novos poemas, evidenciando a leitura politizada e o protagonismo do leitor/cidadão.

Com essa arquitetura metodológica, a mediação sociocultural contribui para que os estudantes desenvolvam habilidades críticas e se tornem leitores politicamente envolvidos com as tensões sociais de seu entorno. A seguir a escola investigada.

A escola investigada

A proposta foi desenvolvida em uma escola estadual do município de Água Branca-AL, localizada no alto sertão alagoano, a 312 km de Maceió. A instituição atende estudantes provenientes da cidade e de povoados rurais circunvizinhos, funcionando em três turnos com aproximadamente 450 alunos no ensino médio regular. As orientações pedagógicas seguem o Referencial Curricular de Alagoas (ReCAL, 2021), elaborado com base na BNCC (2018), que propõe um ensino de literatura pautado nas identidades das populações e nas relações étnico-raciais em escala local, regional e global. É nesse quadro normativo e a partir das demandas concretas desse contexto, onde avaliações diagnósticas apontam dificuldades significativas em leitura, interpretação e compreensão de texto, que a proposta de mediação sociocultural se insere e se justifica.

A estrutura e dinâmica das vivências poéticas

A intervenção foi organizada sob o título *Literatura da Vida e Vida de Literatura*, em consonância com o tema lançado pela Seduc/AL para o ano letivo de 2024 – *Comunidade escolar e território: participação, interação e compromisso social com a equidade*. Foram selecionados, por meio de sorteio democrático com representantes das três turmas de terceira série do ensino médio, os seguintes poemas: *O Cântico da Terra*, de Cora Coralina; *Meu Povo, Meu Poema*, de Ferreira Gullar; *Mulher Proletária e Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima; e *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo.

O corpus foi escolhido por tratar de temas de alta relevância sociocultural, pertencimento identitário, lutas femininas e politizações étnico-raciais, cujos campos semiosféricos dialogam diretamente com os repertórios culturais dos estudantes rurais. As vivências tiveram início em 13 de março de 2024, com encontros semanais de duas aulas de 50 minutos ao longo de um mês, envolvendo debates coletivos, registros em diário literário, produções escritas e audiovisuais.

Análise dos resultados: transcodificação e leitura sociocultural nas vivências poéticas

A aplicação da mediação sociocultural resultou em quarenta leituras analisadas, sendo: cinco preferenciais/hegemônicas, três negociadas e trinta e duas de oposição –, evidenciando que a proposta foi capaz de deslocar a maioria dos estudantes de uma posição de adesão passiva ao código textual para posições críticas e de resistência.

Ao longo das quatro vivências poéticas, os estudantes conseguiram articular as pistas textuais às suas experiências de vida, transcodificando os sentidos dos poemas a partir de sua semiosfera territorial. Na primeira vivência, com *O Cântico da Terra*, de Cora Coralina, os estudantes transitaram entre a leitura preferencial e a de oposição, relacionando as pistas poéticas à sua territorialidade e transcodificando sua visão cultural ao reconhecer as limitações e potências do seu espaço de vivência, mantendo vivas as memórias afetivas e identitárias da vida do campo.

Na segunda vivência, com *Meu Povo, Meu Poema*, de Ferreira Gullar, a mediação produziu a expansividade e transcodificação dos saberes locais, ampliando o horizonte de experiência do leitor e apontando para uma educação literária de consciência crítica capaz de fortalecer coletivamente a comunidade de leitores.

Esse movimento foi particularmente expressivo na terceira vivência, com *Mulher Proletária*, de Jorge de Lima, quando os estudantes revisitaram estruturas patriarcais de sua territorialidade e atribuíram novos sentidos de empoderamento feminino, resultando inclusive na produção de vídeo-poemas como forma de transcodificação criativa.

Na quarta vivência, com a leitura comparativa de *Essa Negra Fulô* e *Vozes-Mulheres*, os estudantes reconheceram os campos de disputa de poder pelas diversidades de identidades e vozes da representação social, em consonância com a competência 2 da BNCC (2018, p. 484), que preconiza compreender “os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem”.

Os resultados permitem avançar o conceito de “leitor cultural”, proposto por Gomes (2011, p. 31-32), em direção ao conceito de leitor sociocultural, sujeito que, ao conectar os sentidos estéticos da poética às heranças culturais e aos elementos sociais de organização do poder, transcodifica e renova os significados de seu universo semiosférico. Como afirma Lotman (1978, p. 441), a “nova significação não suprime uma antiga, mas entra em correlação com ela”. Transcodificar é, portanto, rasurar as semiosferas do autor e do leitor em movimento dialógico contínuo.

Considerações Finais

Esta pesquisa partiu de uma indagação central: em que medida a mediação sociocultural pode contribuir para o ensino de leitura literária no ensino médio de comunidades rurais? Para respondê-la, articulamos a teoria da semiosfera de Iuri Lotman (1978; 1996), o processo de codificação/decodificação de Stuart Hall (2023) e as abordagens pedagógicas brasileiras de Cosson (2020) e Gomes (2011), propondo um modelo metodológico estruturado em três etapas progressivas: mapeamento do campo semiosférico, leitura crítica do texto literário e transcodificação dos sentidos poéticos.

Os resultados evidenciaram que a mediação sociocultural possibilitou uma recepção crítica e reflexiva dos poemas selecionados – *O Cântico da Terra*, de Cora Coralina; *Meu Povo, Meu Poema*, de Ferreira Gullar; *Mulher Proletária* e *Essa Negra Fulô*, de Jorge de Lima; e *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo, confirmando a hipótese de que a leitura poética mediada pelas relações socioculturais dos estudantes promove reflexão crítica sobre identidade, resistência e direitos humanos.

Em relação às abordagens já consolidadas de Cosson e Gomes, esta pesquisa avança ao inserir as contribuições da própria comunidade interpretativa rural na elaboração dos sentidos do texto literário, valorizando os saberes locais como recurso interpretativo e não apenas como contexto de aplicação. Essa perspectiva está em consonância com as orientações da BNCC (2018) e do ReCAL (2021), que preconizam um ensino de literatura pautado nas identidades das populações e nas relações étnico-raciais em escala local, regional e global.

Os resultados alcançados em contexto rural reforçam ainda a possibilidade de essa abordagem ser adaptada a outros contextos educacionais, pois abre perspectivas para investigações futuras, sugerindo a ampliação do estudo para outros

gêneros literários, romances, contos e crônicas de temática social, sua aplicação em diferentes contextos escolares, urbanos e rurais, como escolas quilombolas e indígenas, ampliando seu alcance para além do cenário investigado e com estudantes de outras faixas etárias.

Por fim, reafirma-se que o ensino de literatura na escola pública é um ato que articula sensibilidade poética, consciência cultural e posicionamento político. Ao posicionar a leitura literária como espaço de negociação de sentidos e de reconhecimento das heranças socioculturais dos estudantes, a mediação sociocultural revela-se não apenas uma estratégia pedagógica eficaz, mas um dispositivo de emancipação do saber estudantil, capaz de tornar os jovens leitores protagonistas de suas interpretações e de suas trajetórias como sujeitos críticos e cidadãos.

Referências

ALAGOAS. Secretaria de Estado da Educação. **Referencial Curricular de Alagoas**. Maceió: SEDUC, 2021.

ANDRADE, Juliana Carli Moreira de. **O letramento literário em uma comunidade rural do Pontal do Paranapanema**. Orientadora: Mirian Hisae Yaegashi Zappone. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.

CORALINA, Cora. **Melhores poemas Cora Coralina**. Seleção de Darcy França Denófrío. 5. ed. Curitiba: A Página, 2018.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GOMES, Carlos Magno. **O lugar do leitor cultural**. Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural, Alagoinhas, v. 1, n. 1, p. 9-23, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.poscritica.uneb.br/revistaponti/arquivos/v1n1/v1n1-9-23.pdf>. Acesso em: 21 maio 2023.

GOMES, Carlos Magno. O modelo cultural de leitura. **Revista Nonada**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 167-183, mai./jul. 2012.

GOMES, Carlos Magno. **Ensino de literatura e cultura: do resgate à violência doméstica**. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**. Prefácio de Armando Freitas Filho. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HALL, Stuart. **Reflexões sobre o modelo de codificação/decodificação**. In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaide La Guardia Resende *et al.* 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023. p. 356-371.

LIMA, Jorge de. **Novos poemas; Poemas escolhidos; Poemas negros**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997.

LOTMAN, Iure. **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Trad. Desiderio Navarro. Madri: Ediciones Cátedra, 1996.

LOTMAN, Iure. **A estrutura do texto artístico**. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MACHADO, Irene. Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 136-156, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/7Ptm9SR6kR7nRpLgSG8Dknn/abstract/?lang=en>. Acesso em: 29 nov. 2024.

MACHADO, Irene. Cultura em campo semiótico. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 157-166, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13822>. Acesso em: 3 dez. 2024.

MELO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

RAMALHO, Christina. Prefácio. In: GOMES, Carlos Magno. **Ensino de literatura e cultura: do resgate à violência doméstica**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014. p. 9-12.

SOUZA, Lícia Soares de. **Pragmática pós-metafísica: o infradireito na literatura e cinema brasileiros**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.